



Mulher

siro-fenícia: um encontro transgressor e revelador

Lucia Weiler, IDP

Inició una reflexión a partir del primer icono bíblico del horizonte inspirador de la CLAR: la mujer Siro-Fenicia. Ella y su hija son protagonistas de la escena.

El encuentro con Jesús es un transgresor de una tradición obsoleta, que discrimina y excluye, es revelador de una nueva lógica, de un nuevo lugar de salvación: “escuchar a Dios donde la vida clama!”

La Vida Religiosa es llamada a “atravesar caminos” tener el coraje e transgredir fronteras geográficas, culturales y religiosas. Mirar el mundo a partir de “otro lugar” donde la vida sufrida se eleva en un clamor ético, suplicando por la dignidad y la igualdad. Implica aprovechar las migas, sin contentarse con ellas, luchando por la mesa de la dignidad, a través del compartir igualitario, señal del Reino de Dios.

Iniciamos uma reflexão a partir da primeira ícone bíblica do horizonte inspirador da CLAR: Mulher Siro-Fenícia. Ela e sua filha são protagonistas da cena.

O encontro com Jesus é transgressor de uma tradição obsoleta, que discrimina e exclui, e revelador de uma nova lógica, de um novo lugar salvífico: “escutar Deus onde a vida clama!” A Vida Religiosa é chamada a “atravessar ruas”, ter coragem de transgredir fronteiras geográficas, culturais e religiosas. Olhar o mundo a partir de “outro lugar”, onde a vida sofrida se eleva em clamor ético, suplicando por dignidade e igualdade. Implica em aproveitar as migalhas, sem contentar-se com elas, lutando pela mesa da dignidade, através da partilha igualitária, sinal do Reino de Deus.

O horizonte inspirador da CLAR, para o triênio 2009–2012 convida-nos a entrar numa relação dinâmica com duas ícones bíblicas: a do encontro da mulher siro-fenícia com Jesus (Mc 7,24-30 / Mt 15,21-28) e a da transfiguração de Jesus (Mc 9, 2-13 / Mt 17,1-9). Nosso objetivo é iniciar uma reflexão conjunta sobre a riqueza destas duas cenas bíblica, tendo como ponto de partida a primeira.

Seguimos um caminho progressivo, dando pequenos passos para adentrarmos na dinâmica narrativa do evangelho de Marcos, que nos legou esta história profundamente humana, com pequenas variantes em Mateus como podemos observar na sinopse:

A mulher cananéia

Mt 15,21-28

²¹ E tendo saído dali, Jesus retirou-se para a região de Tiro e Sídon.

²² E eis, que uma mulher cananéia, daquela região, gritava dizendo:

Tem compaixão de mim, Senhor, filho de Davi: minha filha está sendo cruelmente atormentada por um demonio.

²³ Ele não lhe respondeu palavra (alguma), seus discípulos, aproximando-se, pediam-lhe, dizendo:

Despede-a, pois (ela) grita atrás de nós.

²⁴ Ele, respondendo, disse:

Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.

A mulher Siro-fenícia

Mc 7,24-30

²⁴ Tendo se levantado dali, foi-se para a região de Tiro, e entrando numa casa, queria que ninguém soubesse, mas não conseguiu ficar escondido,

²⁵ Pois logo em seguida, uma mulher, que ouvira falar a seu respeito, cuja filha tinha um espírito impuro, veio e atirou-se a seus pés.

²⁶ A mulher era grega, siro-fenícia de origem, e pedia-lhe que expulsasse o demônio de sua filha.

²⁵ A mulher, porém, veio e prostrou-se diante dele dizendo: Senhor, ajuda-me!

cf. v. 25

²⁶ Ele, respondendo, disse:
Não é bom tomar o pão dos filhos e atirá-lo aos cachorrinhos.

²⁷ Ela disse:
É sim, Senhor; pois também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa de seus donos!

²⁸ Então, respondendo, Jesus lhe disse:
Ó mulher, (é) grande a tua fé!
Seja-te feito como queres!
E a partir daquela hora, sua filha ficou curada.

²⁷ E ele lhe disse:
Deixa que os filhos se saciem primeiro; pois não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.

²⁸ Ela respondeu e disse-lhe:
É verdade Senhor, também os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem das migalhas das crianças.

²⁹ E ele lhe disse:
Por causa desta palavra, vai: o demônio saiu de tua filha.

³⁰ E ela, voltando para sua casa, encontrou a criança deitada sobre a cama. E o demônio tinha saído dela.

Pela cronologia dos textos sabemos que o relato original é o que encontramos no evangelho de Marcos. Marcos inicia e conclui a narrativa com o espaço da “casa”. Detalhe ausente em Mateus. A cena em Marcos ainda é revestida pela chave hermenêutica do “segredo messiânico”: Jesus não quer que ninguém saiba, mas não consegue ficar oculto.

Mateus mantém a mesma estrutura literária mas inclui mais detalhes e dá ênfase à insistência da mulher. Introduz também a compreensão da missão de Jesus: “*Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel*” (cf. Mt 10, 6).

Em síntese, os dois textos são muito semelhantes: é a narração de um acontecimento no qual uma mulher, não judia, clama a Jesus, suplicando que os demônios que atormentavam sua filha sejam expulsos. Duas mulheres, uma mãe e uma filha são protagonistas da cena.

Iniciamos a análise deste texto, com um olhar bíblico contextual, numa perspectiva intercultural, motivados



“Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel” (cf. Mt 10, 6).

pela questão-chave: “escutar Deus onde a vida clama!” Esta questão pede, também de nós, um olhar e um ouvido hermenêutico, na realidade atual, onde a vida clama, e pede as migalhas de pão que caem de tantas mesas abastadas.

1. UM OLHAR BÍBLICO CONTEXTUAL E INTERCULTURAL: COMO ESCUTAR DEUS ONDE A VIDA CLAMA?

O contexto no qual se insere a narrativa do encontro da mulher siro-fenícia com Jesus, em Marcos, pode ser considerado um lugar estratégico para uma mudança de lógica. O texto Mc 7, 24-30 insere-se no centro da moldura sabiamente construída pelos dois banquetes da vida que se dá através da partilha dos pães no ambiente judeu (Mc 6, 30-44) e no ambiente considerado pagão (Mc 8, 1-9). Assim ganha sentido e torna-se chave hermenêutica a expressão colocada na boca de Jesus: “Deixe que primeiro os filhos fiquem saciados, porque não está certo tirar o pão dos filhos e jogá-lo aos cachorrinhos” (Mc 7,27). E a quebra desta lógica através do insistente grito da mulher siro fenícia: “É verdade, Senhor; mas também os cachorrinhos ficam debaixo da mesa e comem as migalhas que os filhos deixam cair” (Mc 7, 28).

Com essa chave hermenêutica o motivo do pão, das migalhas, da fome, da exclusão e da inclusão torna-se paradigma para entendermos o contexto literário e a interculturalidade sócio-religiosa da perícope. A partir do excesso de sentido que todo texto traz em si mesmo encontramos também a ponte para nossas perguntas hoje.

Marcos, no capítulo 6, apresenta a missão de Jesus que provoca admiração e, ao mesmo tempo, escândalo e rejeição em sua terra de origem Nazaré e dos discípulos (Mc 6, 1-6). Esta rejeição não impediu o caminho de Jesus mas provocou-o para uma nova itinerância por outros povoados. E sua missão se amplia com o envio dos discípulos. No centro do capítulo 6 de Marcos encontramos um contraste decisivo entre o banquete da morte e o banquete da vida (Mc 6, 14-44). A festa da vida acontece no pão partilhado (Mc 6, 30-44). Compreender ou não compreender o sinal do pão partilhado torna-se o motivo-chave para a continuidade narrativa na perícope final Mc 6, 45-56. Numa cena de crise de escuridão, os discípulos em alto mar, remando com vento contrário, Jesus se aproxima de madrugada entre três e seis horas e proclama: Coragem!



E todos os que tocaram ficaram curados. Aqui já encontramos uma certa abertura intercultural.

Sou Eu, não tenham medo! E subiu na barca com eles. E o vento parou.

Mas, continua o texto, “os discípulos ficaram ainda mais espantados, porque eles não tinham compreendido o acontecido com os pães. O coração deles estava endurecido”(Mc 6, 51b-52). A razão do espanto dos discípulos é importante, e talvez estratégica, para entendermos a contextualidade e a interculturalidade da narrativa.

A ponte entre o capítulo 6 e o 7 é construída através do reconhecimento de Jesus (cf. Mc 6, 54) por parte das multidões e da sua popularidade nos povoados, seja das cidades ou dos campos. Traziam seus doentes até às praças e pediam a permissão de tocar, ao menos, a barra da roupa de Jesus (cf. Mc 6,56). E todos os que tocaram ficaram curados. Aqui já encontramos uma certa abertura intercultural. Mas o toque ainda se dá apenas na barra da roupa de Jesus. Lembra o episódio da mulher com hemorragia, que interrompeu o caminho de Jesus e de Jairo e foi curada ao tocar a roupa de Jesus. Mais que curada foi acolhida com a saudação “*shalom*” e chamada ao seguimento como “filha” (cf. Mc 5, 21-43). Portanto o contexto mostra que gradativamente Jesus se deixa interromper em seu caminho e rompe com os esquemas excludentes do puro e impuro.

No início do capítulo 7 de Marcos, aparece o motivo do pão, ligado ao rito da purificação. Os fariseus e alguns doutores da Lei foram a Jerusalém e se reuniram em volta de Jesus e “viram que alguns discípulos comiam pão com mãos impuras, isto é sem lavar as mãos” (Mc 7,2). Aqui a questão de fundo é o contraste entre uma tradição que esquece a dinamicidade da vida e da Palavra de Deus. Por isso recebem a repreensão sabia e profética de Jesus: “Vocês são bastante espertos para deixar de lado o mandamento de Deus a fim de guardar as tradições de vocês” (Mc 7, 9)... “Assim vocês esvaziam a Palavra de Deus com a tradição que vocês transmitem. E vocês fazem muitas outras coisas como essa” (Mc 7, 14). Em seguida Jesus chama a multidão e os discípulos ensinando uma nova ética (Mc 7,14-23).


A Vida Religiosa na América Latina e no Caribe é confrontada com este questionamento de Jesus: Será que não estamos demais presos ou aprisionados às nossas tradições, por vezes obsoletas, ocultando a Palavra de Deus e nos tornando surdos para ouvir o clamor da vida?

Será que não estamos demais presos ou aprisionados às nossas tradições, por vezes obsoletas, ocultando a Palavra de Deus e nos tornando surdos para ouvir o clamor da vida?



2. A FOME E O PÃO RESERVADO PARA OS FILHOS E AS FILHAS: QUEBRA DE UMA LÓGICA

Olhando mais de perto para a estrutura literária, percebemos um fio dourado que entrelaça e dinamiza o tecido das relações sociais, econômicas, religiosas e culturais que funcionam como realidade na qual nasce o texto. É o fio da fome e da partilha do pão que liga o texto como podemos perceber:

Ambiente Judeu	Ambiente Pagão
 Mc 6,30-44 Fome do Povo x Partilha dos Pães Banquete da vida para o povo judeu	Mc 8, 1-9 Fome do povo x Partilha dos Pães Banquete da Vida para todos: povos pagãos
Mc 6,50-52 Incompreensão do sinal dos pães pelos discípulos por causa do seu coração endurecido.	Mc 8,14-21 Incompreensão do sinal da partilha dos pães dos pães pelos discípulos.

Mc 7, 24-30
O pão reservado aos filhos
X
As migalhas que caem e
pertencem aos cachorrinhos

Através do gráfico percebemos que o apelo insistente da mulher Siro Fenícia, ou Cananéia ocupa um lugar central no relato e provoca uma mudança de lógica. O centro de sua mensagem é muito mais a reivindicação de ser incluída na integralidade de sua cidadania do que uma expulsão de demônio da filha. E a partir daí nos perguntamos: de que demônio se trata? De fato o texto diz que o demônio deixou a menina no momento que a mulher provocou uma mudança de lógica, tanto no seu interlocutor Jesus, quanto nos observadores da cena, de ontem e de hoje. Aos discípulos de Jesus tudo isso é muito incompreensível. Precisam caminhar mais diretamente com Jesus, seguí-lo no caminho para aprender a lição de vida e proclamar a fé no Deus da Vida.

2.1. A REGIÃO DE TIRO

“E partindo dali foi para a Região de Tiro...” (7,24a). O relato, por intencionalidade do redator, convida-nos a atravessar fronteiras e ruas e situa-nos na região de Tiro. Que significado teria esta região para a comunidade de Marcos?

Tiro é uma cidade com ambição de domínio e com grande poder. Desde sua origem até o período romano havia uma luta do povo fenício sobre as terras da Galiléia. Tiro pode ser considerada uma cidade rica e eco-

nomicamente estável. Por sua indústria metalúrgica e comércio marítimo ocupava um lugar importante no mapa socio-econômico daquela época.

Entretanto ao lado desta aparente estabilidade sócio-econômica havia também pobreza. A terra não era cultivável, por isso a matéria prima era adquirida dos povos vizinhos que tinham terras férteis, como a Galiléia. Confirma que a grande problemática que está por trás do episódio, narrado em Marcos, é a fome e a partilha, ou concentração do pão. Fome, produção e abastecimento ou negociação de alimentos também fazem parte do cenário atual.

2.2. A CASA E O CONFLITO

“...E entrando numa casa queria que ninguém soubesse, mas não conseguiu ficar escondido, pois em seguida uma mulher que ouvira falar dele...” (vv 24b-25a). O lugar específico onde acontece o encontro da mulher siro fenícia com Jesus é uma casa. Este espaço da casa (*oikia*), á primeira vista, parece ter um simples caráter familiar. Porém analisando, mais a fundo, os textos de Marcos percebemos que o termo “casa” pode signifi-

Jesus fazia questão de desrespeitar, para mostrar que a verdadeira impureza não é exterior, mas vem do interior.

car realidades diferentes. Por um lado, *oiko* significa o espaço físico de moradia, ou residência. Por outro lado, este mesmo termo *oikia*, dentro do contexto do relato que estamos analisando, faz alusão às relações humanas que se dão no âmbito familiar de uma comunidade mais ampla.

Segundo Mercedes Navarro, é importante considerar que, na narrativa de Marcos, a dimensão espacial não se refere a um lugar físico. Concretamente o espaço público e privado terá diferentes características de atitudes das pessoas em suas relações com Jesus:

El evangelio de Mc divide el espacio en dos grandes ámbitos: los lugares públicos (mar, río, montaña, camino, desierto, campo, pueblos...) y los lugares privados (casa, templo, sinagoga...). En los primeros, Jesús está en contacto con la gente que le sigue y la multitud que le escucha, realiza curaciones y tiene conflicto con las autoridades. Es un lugar abierto y público, donde Jesús es ejecutado (15,22). En los lugares privados Jesús enseña a sus discípulos y entra en conflicto con

ellos. Mientras que en los lugares públicos los discípulos se ponen de parte de Jesús, en los privados se suele mostrar duros para comprender. En estos espacios es donde se acortan las distancias entre ellos y la confrontación es mayor. (...) si Jesús está en la casa es indicio de que va a tener lugar en ella algún conflicto...¹.

Portanto no contexto literário de Marcos, ao situar Jesus no ambiente da casa, cria-se a expectativa de alguma cena de relações humanas conflitivas. E mais, pelo fato de localizar a casa numa região vizinha, pagã, aponta para um conflito novo: não apenas as relações humanas, mas também as relações sociais, culturais, religiosas, relações de gênero estão em conflito. E tudo se dá no macro conflito das relações no âmbito judeu-pagão. Importante notar que o relato em Marcos situa a casa tanto no início quanto no final da perícopa, sugerindo assim um quiasmo cujo centro está no pedido da mulher.



O encontro de transformação e libertação só aconteceu quando Jesus “desce” ao nível humano, tornando-se aprendiz e discípulo da mulher estrangeira, excluída. E confirma sua cidadania teológica: “Mulher, grande é tua fé! Seja feito como queres!” (Mt 15, 28).

3. OS NOMES DA MULHER

3.1. SIRO-FENÍCIA / CANANÉIA

A mulher identificada como uma grega de origem Siro-fenícia, por Marcos, é designada de Cananéia, no relato de Mateus. Toda região da Palestina da atualidade é a Canaã povoada inicialmente pela descendência de Cam, filho de Noé e, posteriormente, por vários outros povos e tribos, em constante alternância de guerra e paz. Além dos cananeus e hebreus, conviviam os remanescentes dos assírios, filisteus, sírios e fenícios e vários outros povos e clãs nativos, ou oriundos de outras regiões.

O texto assinala uma dupla pertença: *Siro-fenícia e grega*. Daí decorrem duas informações: sobre sua terra de origem e sobre sua identidade cultural. Para além da “Fenícia helenizada” a ênfase da origem “grega”, nos alerta para um novo sentido. Quer chamar atenção para o *nível cultural* e o *status social* que reveste esta mulher. A mulher siro-fenícia é grega porque vive de acordo com os usos e costumes gregos, bebe de sua cultura e, com certeza, fala o idioma grego. Este detalhe destaca sua posição privilegiada dentro de seu contexto, porque o domínio da língua grega não era generalizado nas classes mais

baixas das sociedades da Galiléia e da Fenícia.

A mulher era representante de uma miscigenação de pelo menos três culturas, vivendo a realidade de uma quarta. Ainda que sua posição seja privilegiada supõe-se que também vivia numa situação financeiramente desfavorável, de pobreza, porque Jesus, segundo os relatos bíblicos, era, na maioria das vezes, o único recurso para os desfavorecidos.

Em síntese, numa dimensão sócio-cultural, podemos dizer que: embora sua condição jurídico-social de mulher grega, a coloque numa posição social privilegiada, sua condição de pobreza e de mulher pagã, a coloca numa condição inferior em relação aos discípulos e a Jesus, Rabi e Senhor.

3.2. MULHER/MÃE E FILHA

Através de um estilo de linguagem indireto, a narrativa nos coloca diante de uma mulher e mãe anônima. Na dimensão simbólica, para além de um sujeito particular e individual vemos aqui uma

No seguimento de Jesus, que se deixou tocar pelo grito da mulher Siro-Fenícia, “escutar Deus onde a vida clama” é convocação do Espírito que sopra onde e como quer para a Vida Religiosa latinoamericana e caribenha.

imagem iconográfica, ou personagem corporativa. Neste sentido é estratégico o silêncio do nome. Parece, referir-se a uma personificação coletiva, neste caso, ao povo siro-fenício².

Muitas vezes, na linguagem bíblica, a representação dos povos é feita a partir de figuras femininas. O povo de Israel, é comparado, frequentemente, com criança recém nascida, jovem, esposa, adúltera convertida (cf. Tradição profética: Oséias, Jeremias, Isaías). Neste contexto não é estranho que os povos vizinhos também sejam identificados com uma personagem feminina.

Além de mulher, a Siro-fenícia é apresentada como mãe. Uma mãe que vem implorar por sua “filhinha” que se encontra possuída por um espírito impuro. Se a mãe representa este povo explorado e, ao mesmo tempo, poderoso, da Região de Tiro, quem representa sua filha possuída por um demônio? Segundo, María Eugenia Celli³ a filha pela qual a mãe suplica, representa o resultado doente deste modelo de sociedade, contaminado pelo espírito impuro, sinal visível da negociação do humano⁴. O clamor da mãe é pela vida de sua descendência. Pede a expulsão deste demônio da corrupção.

3.3. CACHORRINHO

Além de Siro-fenícia e grega, de mulher e mãe, esta personagem recebe mais um apelido religioso pejorativo, que a situa na realidade coletiva dos pagãos. Na linguagem dos israelitas, era costume chamar de “cães” os pagãos, os estrangeiros, que não pertenciam ao povo eleito, nem adoravam o verdadeiro Deus. Era certamente um tratamento pejorativo, mas que não chegava a surpreender, como se pode notar pela total naturalidade com que as testemunhas daquela cena parecem aceitá-lo. Este insulto recebe um novo matiz através do diminutivo (gr. *Kynarion*) “cachorrinhos”. Os cães eram considerados animais impuros. Por esse motivo, eles não eram admitidos no interior das casas, mas se fazia exceção aos filhotes. Isso explicaria a metáfora dos cachorrinhos comendo as migalhas dos filhos. Essa explicação é usada, também, para atenuar a aparente rudeza de Jesus, que falou em “cachorrinhos” e não em “cães”. Seja como for, o fato é que Jesus se encontrava em terra estrangeira, e a mulher que o procurou era pagã, portanto considerada impura, pelo senso



Como a mulher Siro-fenícia, ou Cananéia, somos confirmadas e confirmados a viver o discipulado igualitário de sentar na mesa da igual dignidade, como amostra do Reino de Deus que já iniciou em nosso meio.

comum. A idéia de “puro” e “impuro” é algo muito familiar à cultura israelita, e o contato com qualquer “impureza” exigia longos e complexos rituais de purificação.

Jesus fazia questão de desrespeitar, para mostrar que a verdadeira impureza não é exterior, mas vem do interior. Assim, quebra mais uma lógica, com a ajuda da mulher, que sabe de sua situação, mas não se conforma com ela. Assume a postura de jogar-se em baixo da mesa, para exigir o pão partilhado na igualdade da mesa onde todas as pessoas podem participar em igual dignidade.

4. A INSISTÊNCIA DA MULHER E AS REAÇÕES DE JESUS E DOS DISCÍPULOS SEGUNDO MATEUS

Mateus descreve com muito mais detalhes o gradativo clamor da mulher e as diferentes reações de Jesus e dos discípulos. O grito da mulher pede a compaixão de Jesus reconhecido como Filho de Davi. Ao seu clamor que expressa a solidariedade entre mãe e filha, Jesus fica em silêncio e nada responde (Mt 15, 23). Será indiferença ou presença silenciosa e reflexiva? O silêncio também faz parte da aproximação para um verdadeiro encontro,

quando as diferenças são muito grandes.

A reação dos discípulos é uma única: Querer afastar o grito porque ele incomoda: *“Despede-a, porque vem gritando atrás de nós”* (Mt 15,23). Quem assim age, de fato não está a fim de um encontro. Jesus parece pensar em voz alta e Mateus coloca em sua boca a mentalidade dos judeus da época, através de uma compreensão exclusivista da missão: *“Eu não fui enviado senão para as ovelhas perdidas de Israel”* (Mt 15, 24).

A mulher volta a insistir. Seu grito agora é acompanhado por um gesto de aproximação maior. Prostrando-se de joelhos implora: *“Senhor, ajuda-me”* (v. 25). Diante da insistência do grito da mulher Jesus responde de forma muito dura aos nossos ouvidos: *“Não fica bem tirar o pão dos filhos para atirá-lo aos cachorrinhos”* (Mt 15, 26). Os judeus se consideravam filhos (de Deus) e diziam que os estrangeiros não eram dignos da bênção de Deus. Parece que o Jesus da comunidade interlocutora de Mateus, no começo, também pensava assim, pois foi essa mesma ordem dada aos discípulos no momento de envia-los em missão (cf. Mt 10, 6).

O encontro de transformação e libertação só aconteceu quando Jesus “desce” ao nível humano, tornando-se aprendiz e discípulo da mulher estran-

geira, excluída. E confirma sua cidadania teológica: “Mulher, grande é tua fé! Seja feito como queres!” (Mt 15, 28).

A mulher pagã ajudou Jesus a compreender que ele era enviado de Deus não só para os judeus, mas para toda pessoa humana de todas as culturas e tempos. Uma alusão à profecia do Servo de Javé (Is 49, 1-6). Jesus ficou admirado com os valores que encontrou nos pagãos e compreendeu que Deus já estava entre eles como Deus vivo e libertador. Aquele que ouve o clamor e desce para libertar (cf. Ex 3, 7ss.). O evangelho de Mateus faz esse caminho progressivo e muito diferente do envio discípulos apenas para as “*ovelhas perdidas da casa de Israel*” (Mt 10, 6) conclui: “*Tde e fazei com que todos os povos sejam meus discípulos*” (Mt 28, 19).

5. INSPIRAÇÕES E DESAFIOS PARA A VIDA RELIGIOSA

O que podemos aprender como religiosas/os da América Latina e Caribe?

- *A visão de mundo vista debaixo de uma mesa:* A mulher Siro-fenícia, que ocupava uma condição privilegiado, como vimos, assumiu sua condição de “cachorrinho” com realismo esperançoso. Jogando-se por debaixo

da mesa, a visão de mundo desta mulher, multiplamente excluída, foi capaz de provocar uma desestabilização nas categorias teológicas, culturais e sociais discriminadoras. Usou sua situação privilegiada para solidarizar-se com sua filha, ou seja, sua descendência, cuja vida estava ameaçada por um demônio. Que lição de kénose para nós! É preciso estar lá onde a vida clama e sofre discriminação. Este é o lugar da verdadeira revelação de Deus.

- *Aproveitar as migalhas, sem ficar apenas com elas:* À maneira das migalhas que crianças descuidadas deixam cair da mesa, a ação de Deus libertador é apropriada por pessoas que estão à margem do exclusivismo dos “puros”. A necessidade premente desta mulher, de libertar sua filha do espírito impuro, evidencia a divisão hierarquizada de tantas sociedades com suas religiões que continua ainda hoje. Em toda parte vemos pessoas, mulheres, pobres, religiosas e religiosos, que não tiveram medo de curvar-se debaixo da mesa, para aproveitar ao máximo as “migalhas” de oportunidades. Sua motivação e seu carisma é mudar a lógica de exclusão e lutar pela mesa da igualdade na partilha.
- *Sentar-se à mesa em igual dignidade:* A “igualdade fundamental” faz parte dos direitos humanos. Em meio às

“justas diferenças” os clamores por vida, desafiam e movem a Vida Religiosa a eliminar as diferenças injustas, contrárias ao plano libertador de Deus. São injustas e contrárias ao plano de Deus às discriminações de todas as formas, como as fundadas em sexo, cultura, cor, condição social, língua, religião, ainda presentes em nossa sociedade, no interior da Igreja e da nossa própria Vida Religiosa.

CONCLUINDO

No seguimento de Jesus, que se deixou tocar pelo grito da mulher Siro-Fenícia, “*escutar Deus onde a vida clama*” é convocação do Espírito que sopra onde e como quer para a Vida Religiosa latinoamericana e caribenha. Dando atenção aos múltiplos sinais de desfiguração da vida, somos convocadas e convocados a seguir com Ele no caminho para a transfiguração (Mc 9, 2-13 / Mt 17,1-9). Neste caminho pedimos a cura de nossas cegueiras (cf. Mc 8, 22-26 e 10, 46-52), ouvidos e corações abertos e atentos aos múltiplos clamores da vida.

Como a mulher Siro-fenícia, ou Cananéia, somos confirmadas e confirmados a viver o discipulado igualitário de sentar na mesa da igual dignidade, como amostra do Reino de Deus que já iniciou em nosso meio. Oxalá a Vida

Religiosa receba esta confirmação de Jesus a quem segue: Por causa desta palavra, vai: o demônio saiu de tua filha. (Mc 7,29); Ó mulher, (ê) grande a tua fé! Seja-te feito como queres! (Mt 15, 28).

NOTAS

¹ NAVARRO, M., “*María-Madre, el paso de una a otra fe*”: *Ephemerides Mariologicae* 44 (1994) pp. 67-95, pp. 70-71.

² MATEOS, J., CAMACHO, F., *Evangelio, Figuras y Símbolos*, p. 93.

³ Jesús y El Pan de los Hijos (...) Identidad y cristología en Mc 7, 24-31: Texto apresentado pela autora no Congresso de teólogas alemãs e Latino Americanas. Buenos Aires, 2008.

⁴ “La mujer no pide nada para sí, como si no necesitará cambiar; la que debe cambiar es la niña. Reconoce que aunque la hija es dependiente, es también co-sanguínea (hija=del mismo pueblo); en principio su igual. La diferencia entre la mujer y la hija está en el poder y el privilegio...”, MATEOS, J., CAMACHO, F., *El Evangelio de Marcos. Análisis Lingüístico y Comentario exegético*, Vol II, p. 171.

REFERÊNCIAS

- CARTER, Warren. *O Evangelho de São Mateus*, comentário sócio político e religioso a partir das margens, Paulus, São Paulo, 2002.
- CELLI, María Eugenia, *Jesús y el pan de los hijos, Identidad y cristología en Mc 7, 24-31*: Texto apresentado no Congresso de teólogas alemãs e Latino Americanas. Buenos Aires, 2008.